

## Biblioteca municipal de Olinda e sua ação cultural; observação de uma experiência\*

An experience concerning the cultural action of the Public Library in Olinda

**EDNA MARIA TORREÃO BRITO \*\***  
**JOANA COELI RIBEIRO GARCIA**  
**MARIA DAS GRAÇAS TARGINO**  
**CORITA AGUIAR DA SILVA**  
**INUCÊNCIO ANTONIO DO ROSARIO**

Registram-se as observações de visitas e os depoimentos colhidos através de entrevistas com os grupos que estão à frente de uma nova concepção de biblioteca pública no município de Olinda, Estado de Pernambuco. Trata-se de uma biblioteca «em construção», que pretende coletar as manifestações culturais mais amplas, incluindo não apenas as manifestações artísticas e literárias, mas também os «fazeres» da população, como por exemplo a arte e a técnica de se produzir cuscuz e doces da região. A biblioteca pretende ser simultaneamente um acervo de informações importantes e um centro de produção de conhecimentos úteis em resposta às necessidades culturais da maioria da população. Em sua concepção geral, a biblioteca será um centro irradiador, descentralizando suas atividades através da rede escolar da cidade, de centros comunitários e organizações sócio-culturais populares.

---

\* Trabalho originalmente apresentado à disciplina «Serviços ao público» do Curso de Mestrado da UFPb. As pesquisas foram realizadas em outubro de 1982.

\*\* Alunos do Curso de Mestrado da Universidade Federal da Paraíba

«Nenhum de nós está só no mundo, cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros».

PAULO FREIRE

«Eu acho que a gente sem ninguém não pode viver no mundo. Nós temos que ter ajuda de alguém e é muito importante a gente sentir que as pessoas gostam da gente...»

ENEDINA SILVA

Artesã de Tecidos e Pesquisadora

## 1. INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, o depósito silencioso de livros tende a ser substituído por instituições sociais, dinâmicas e vivas, em que a participação do povo se faça sentir.

Assim sendo, dentro da própria literatura bibliotecômica brasileira, um novo termo passa a ser empregado com mais e mais frequência: «biblioteca popular».

Como a própria denominação sugere, a biblioteca popular é primordialmente a biblioteca do povo e para o povo. Cansados de receber «legados preciosos» advindos dos poderosos, as massas populares despertam para a importância de gerar e valorizar seu próprio conhecimento, preservando-o e disseminando-o.

Segundo Paulo Freire, a biblioteca popular é um centro cultural fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler um texto em relação com o contexto. Desta forma, é essencial que uma biblioteca popular estimule a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros semi-

nários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (6)

Etelvina Lima afirma que «as bibliotecas populares se diferenciam das grandes bibliotecas públicas pelo acervo menor e mais especificamente vinculado ao grau de desenvolvimento e aos interesses específicos do grupo a que atenderão. Distinguem-se, também, das grandes bibliotecas públicas pelo atendimento mais personalizado que dispensam a seus usuários, visando criar condições para a continuação de sua educação, empregando, para isto, outros recursos, além dos impressos.» (7)

Uma notícia recentemente publicada no Diário de Pernambuco (12) levou-nos à observação da experiência que está sendo desenvolvida na Biblioteca Municipal de Olinda. Através de uma proposta, decorrente da vivência de uma equipe olindense, coordenada pela artesã e pesquisadora Sílvia Rodrigues Coimbra, e contando com o apoio do Instituto Nacional do Livro e da Secretaria de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, a referida Biblioteca se propõe a conceber um espaço de informação e produção, articulando o **fazer** popular com o registro gráfico.

Para a consecução do objetivo principal deste trabalho, através de entrevistas não diretivas, mantivemos contato com o Prefeito de Olinda, Germano Coelho, bem como com pessoas envolvidas diretamente na execução do próprio Projeto de Biblioteca Pública de Olinda, a saber:

Sílvia Rodrigues Coimbra — Artesã e Pesquisadora  
Cristina Nascimento — Pedagoga e Pesquisadora  
Benedito José dos Santos — Talhador  
Manoel Antônio da Silva — Cuscuzeiro  
Paulo Holanda da Silva — Talhador  
Gumerindo José Pereira — Doceiro  
Enedina Antônia da Silva — Artesã de tecidos  
Aguinaldo Luís da Silva — Ceramista  
Severino Manoel Campos (marrudo) — Cuscuzeiro  
Júlia Miranda — Professora primária e encarregada  
do funcionamento da Biblioteca Oswaldo  
Guimarães

Utilizamos também material impresso elaborado pela equipe, visando à implantação dos serviços, ressaltando-se, ainda, as considerações advindas da observação direta, quando das visitas realizadas pelo grupo à Olinda, em 11 e 16-10-82.

No decorrer do trabalho, com a finalidade de evitar distorções quanto à realidade observada, as falas dos entrevistados serão sempre que possível, transcritas na íntegra.

## 2. O MUNICÍPIO DE OLINDA

Partindo do pressuposto de que «não há texto sem contexto» (6), consideramos imprescindível o conhecimento de dados históricos fundamentais sobre Olinda.

Para tanto, entrevistamos o Prefeito Germano Coelho, cujo depoimento, se em alguns momentos peca por uma visão mítica da história, contém elementos essenciais à identificação do município.

Dos nove municípios da área metropolitana de Recife, Olinda é o menor de Pernambuco, com 29 Km<sup>2</sup>. Com uma super-população de 300.000 hab., tem a segunda maior densidade demográfica do país, ou seja, 10.000 hab/Km<sup>2</sup> e está entre os 18 menores municípios brasileiros. Situada no litoral pernambucano, a 7 Km do Recife, apresenta clima tropical. Sua economia está concentrada na indústria extrativa mineral e em pequenas indústrias de massas alimentícias, couros, peles e artesanato.

Por ser uma das mais antigas cidades do Brasil, é um grande centro de atividades culturais e turísticas. Possui mais de 170 escolas primárias, 20 de ensino supletivo, secundário e industrial e várias escolas de nível superior. Situa-se, também em Olinda, a Escola de Aprendizes de Marinheiros, do Ministério da Marinha.

A cidade conta com uma rádio-emissora, a Rádio Olinda; cinco bibliotecas particulares de grande porte: a do Seminário Arquidiocesano de Olinda e Recife, a Biblioteca «O Luzeiro», a da Academia Santa Gertrudes, a do Mosteiro de São Bento e a do Centro Cultural das Professoras Municipais.

Olinda é rica em monumentos históricos e artísticos, na maioria tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dentre eles, destacam-se o Mosteiro de São Bento, local da fundação dos cursos jurídicos no Brasil; o Seminário de Olinda; o antigo Palácio Episcopal; o Fortim: o Monumento do Quarto Centenário da Chegada de Duarte Coelho Pereira.

Embora tratando-se do menor município pernambucano, fica demonstrada a sua importância, não só pelo número bastante elevado de instituições culturais, como também pelas demonstrações de independência, liber-

dade e nacionalidade, que tornam a «história de Olinda, a história de Pernambuco e grande parte da história do Brasil», como narrou o entrevistado.

Na fala de Germano Coelho: «o documento mais antigo sobre Olinda é a carta foral de Duarte Coelho Pereira dirigida ao Senado da Câmara, datada de 12-03-1537... Sobre a história antiga de Olinda, muitos documentos datam sua fundação em 1537. Então foi feita uma crítica sobre os mesmos e foi demonstrado, por autores abalizados... que realmente se situava a fundação em 1535 (quando) se tem um documento alusivo à criação da Igreja de Nossa Senhora do Monte. A história de Olinda, portanto, começa em 1535...»

O donatário enviado a Olinda não tinha uma visão puramente exploratória e sim nacionalista, conforme observou o depoente: «Duarte Coelho privilegiou o plantio da cana-de-açúcar e também pensou na industrialização do produto. O primeiro engenho surgiu em Olinda e chamava-se N. Sra. da Ajuda.

Foi exatamente isto que proporcionou o desenvolvimento econômico da Capitania. Na época, os 2.000 Km<sup>2</sup> da região metropolitana do Recife pertenciam à Olinda. O porto do Recife, nos documentos mais antigos, era chamado de Porto de Olinda. As galeotas paravam nas costas de Olinda, no Varadouro, onde estava a alfândega.

Neste local as naus eram carregadas com caixas de açúcar para exportação. A evolução econômica da Capitania «despertou a cobiça estrangeira em relação a Pernambuco, no século seguinte... Essa visão de um comércio aberto para o mundo foi um instrumento fortíssimo da renovação e da mudança cultural e de idéias do povo olindense. Esse 1500 não poderia ser marcado só pelo econômico...

Em 1550 os Jesuítas são recebidos em Olinda por Duarte Coelho que lhes doa a área onde construíram o Real Colégio dos Jesuítas, que hoje é conhecido como Seminário...

Nota-se o início do desenvolvimento cultural e educacional de Olinda e, nesta mesma data começou a se formar, segundo Serafim Leite, mencionado pelo entrevistado, uma biblioteca sortida de obras do humanismo clássico greco-romano, onde o grande Pe. Antônio Vieira, fazendo seus sermões, pregando e escrevendo em Olinda, citava os clássicos que eram encontrados na biblioteca.

Tudo no Real Colégio funcionava com todo o cerimonial das Universidades de Portugal, nas defesas de tese.

Reforça o depoente: «O fundador de Olinda não tinha a dimensão apenas econômica, mas também a cultural, tendo trazido as grandes corporações culturais da época, que eram como em todo medievo, profundamente religiosas.

Na segunda metade do século, chegaram em Olinda os carmelitas (1580), os Franciscanos (1585) e os Beneditinos (1594), fundando e construindo conventos e igrejas.

Pode-se dizer que todo o desenvolvimento urbano de Olinda partiu da idéia do fundador de aliar o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento cultural, tendo por base bibliotecas, livros e fé. Isto é o legado de 1500. Por essa época começou a se desenvolver em Olinda um sentimento de nativismo. Este é o primeiro rebento de sentimento nacional dentro do País. Este sentimento foi comprovado e desafiado pela invasão holandesa em 16-02-1630.

A essa invasão e às constantes guerras por todo o século XVII, os nativos da terra, como se consideravam os olindenses, reagiram com todos os recursos possíveis...,

com um ideal de liberdade... Essa luta, esse espírito de independência foi fomentado pelos livros, pelas leituras, pelas bibliotecas que existiam em Olinda... Essa tarefa tem que continuar, pois a nossa cultura nacional, as matrizes dessa cultura, estão se desnacionalizando. Seja na música, no teatro, em tudo. É preciso reagir. Quem guarda a cultura nacional é o povo. É cultura popular que preserva a cultura do nosso povo, e é por isso que ela vai entrar em cheio na biblioteca nova de Olinda, uma biblioteca à imagem e semelhança da história de Olinda», finalizou Germano Coelho.

### 3. BIBLIOTECA PÚBLICA DE OLINDA: PASSADO E FUTURO

Apesar das bibliotecas dos mosteiros e da grande ênfase dada aos elementos culturais durante a história de Olinda, pode-se deduzir que este município pernambucano demorou muito a ter uma biblioteca pública municipal, embora Gaston Manguinho, historiador olindense, tenha feito alusão a um documento de 1830, o qual recomendava a criação de uma «biblioteca popular».

Implantada a 12 de março de 1960, a Biblioteca Oswaldo Guimarães, que funcionava na Praça da Abolição, conhecida como Praça da Preguiça, teve suas atividades paralisadas em 1978, quando da gestão do atual Prefeito, como veremos a seguir.

Levando em conta a inexistência e/ou escassez de documentos que registrem os dezoito anos de vida dessa biblioteca, recorreremos à funcionária pública municipal Júlia de Miranda, que acompanhou toda a sua história. Como testemunha presente, a entrevistada fixou os momentos fundamentais da vida dessa instituição, embora algumas informações, tais como coleção inicial, fundador, etc. não tenham sido recuperadas.

Eis a fala de Júlia:

«Não sou bibliotecária. No município não tem bibliotecários. A biblioteca começou com professores que não tinham cadeiras e ficaram por lá. Começava de 3 às 7 horas da noite (15 às 19 horas). Depois as professoras queriam férias como professoras e não podiam porque eram funcionárias. Foram saindo e «eles» então me colocaram, ficando somente uma professora. Eu trabalhava de 3 às 7 horas (15 às 19 horas) e a outra das 7 às 10 horas (19 às 22 horas). Depois tudo foi mudado. Foi chegando Prefeito novo, foi fazendo inovações, até que ficou das 7 da manhã às 10 da noite (7 às 22 horas)... de 2ª a 6ª feira.»

Como inúmeras outras bibliotecas, localizadas nas diferentes regiões brasileiras, a Biblioteca Municipal de Olinda «abrigou» professores sem aulas e sofreu os revezes inerentes aos órgãos públicos, atravessando mudanças não planejadas. Segundo a depoente, apenas um Secretário de Educação e Cultura, Prof. Inácio de Bragança, deu valor aos serviços bibliotecários até que:

«Há quatro anos atrás a Biblioteca estava com o telhado gotejando demais, estragando muito os livros. Então nós apelamos pra Prefeitura e «eles» pediram que saíssemos pra fazer um trabalho de urgência. Até hoje não voltamos mais... Estávamos, provisoriamente, no Centro Cultural, na Ribeira. Os livros ficaram lá no Centro, sacudidos pela cozinha, banheiro...

Ficamos sem atender ninguém, mas aos pouquinhos fomos arrumando os livros. O pessoal foi se espalhando. Foram tirando as moças. As que eram professoras foram para as cadeiras. Ficamos eu, Ascensão e mais três. Agora, só estamos eu e Ascensão, que é professora.

Hoje os livros estão lá no Grupo Escolar Duarte Coelho, mas como disse a Secretaria de Educação e Cultura, provisoriamente. Estão faltando livros: a Bíblia, livros de

Graciliano Ramos, Humberto de Campos... Não sabemos onde andam esses livros, porque não fomos nós que trouxemos os livros... Quando saímos estava tudo completo. Até catalogados que eles não eram, foram. Nós temos uma caixa, com as fichas tudo arrumado. Agora está uma beleza. Arrumadinha por assunto, tudo direitinho: literatura, romance, tudo. Tem uma prateleira só para crianças, estorinhas... Restauramos quase todos os livros, mas ainda tem muitos livros e não tem mais lugar prá botar...

Não tem movimento, porque os alunos dali pela manhã não sabem ler. À tarde, às vezes, aparece menino da 4ª série para fazer um trabalho. Mas não tem movimento. Às vezes uma professora vai procurar um assunto. Mas uma coisa muito pouca. É aberta ao público. Mas não vai ninguém. Muita gente nem sabe... Não divulgam a biblioteca, porque compete à Secretaria, e nós estamos ali provisoriamente. Não tem atendimento nenhum... nem qualquer serviço... nem empréstimo domiciliar.

A Biblioteca de antes era um movimento extraordinário, muito bom. Quando funcionava era espetacular... A frequência era, às vezes, de 200 pessoas por dia. As vezes, ficavam filas esperando que desocupassem o lugar. Os meninos faziam pesquisas. Nós tínhamos máquinas, fazíamos aqueles trabalhos por eles. As crianças que não sabiam procurar nos dicionários, nós ajudávamos. Era um trabalho intenso. Nós não parávamos. Agora está tudo parado. A gente vai lá só prá constar. Não tem ninguém. Não tem aquela satisfação de escolher, abrir o livro no assunto. Quando vinha um grupo de professorandas do Instituto, a gente abria na página o que elas queriam. Fazia relatório mensal dos livros mais procurados, o assunto mais procurado. Era uma coisa muito bem organizada e muito procurada».

Do depoimento de Júlia de Miranda, observa-se, nitidamente, que aquela biblioteca apresentava características do modelo tradicional de biblioteca, tais como:

- a) valorização excessiva dos processos técnicos e arranjo das estantes;
- b) indiferença à participação da comunidade (alfabetizada ou não) na vida da biblioteca;
- c) ação predominantemente domesticadora e paternalista, cerceando a criatividade do indivíduo, através do estímulo à compilação de textos já escritos ou assumindo o cumprimento de tarefas a serem executadas pelos usuários.

Por outro lado, a alta freqüência à biblioteca enfocada por Júlia, contradiz suas próprias informações, quando acentua a pobreza da biblioteca:

«A biblioteca não tinha recursos financeiros para sua manutenção. Ela vivia no INL-Instituto Nacional do Livro e eu ouvi dizer que a Prefeitura tinha uma verba. Viviam de doações, às vezes, doações desagradáveis, pois vinham muitos livros velhos e imprestáveis. Muitos representantes de editoras iam lá, para nós comprarmos livros. Mas nós não tínhamos autoridade. Ligávamos para lá, Prefeitura, mas nunca compraram, afirmou Júlia».

Portanto, a biblioteca não dispunha de coleção atualizada e condizente com as necessidades dos seus usuários, que eram, essencialmente, alunos do 1º e 2º graus e até universitários, como declarou a entrevistada: «o acervo não dava bem para eles, mas sempre arranjavam alguma coisa nas enciclopédias. Só não tinha muito assunto para faculdade. Para os engenheiros tem uma coleção muito boa. Agora, para medicina é que não tem muita coisa...

Nenhuma reação forte e imperiosa se fez sentir por parte do povo, quando da interrupção das atividades da biblioteca. Segundo a própria Júlia, «houve uma reação pacífica... muita gente sentiu, mas ninguém reagiu, fez apelo, nada... mas essa biblioteca, quando funcionava, era grande utilidade para a comunidade».

É de se notar a falta total de pessoal com formação em biblioteconomia, conforme declaração anterior da entrevistada. Durante todos os anos de funcionamento, a Secretaria de Educação e Cultura mandou apenas uma bibliotecária para orientar durante alguns dias: «As meninas fizeram também um curso, mas não sei muito sobre ele. Fui a única que não fiz. Não houve oportunidade. Foi justamente quando abandonaram mesmo. Fecharam e não consertaram o telhado...»

Ainda quanto ao funcionamento dessa primeira biblioteca pública olindense, é essencial reforçar que, para Germano Coelho, esta nem sequer existiu:

«Não se pode falar em reativação dos serviços bibliotecários de Olinda, desde que não existia biblioteca... existia uma bibliotequinha «Oswaldo Guimarães», cuja coleção cabe dentro de uma pequena sala no prédio atual da biblioteca que está sendo implantada. Há muita biblioteca no Brasil que se chama biblioteca, mas que de biblioteca só tem o nome. É uma sala de livros. A bibliotequinha vai ser incorporada à nova biblioteca, que já recebeu uma doação de 20.000 livros, que talvez represente 10 vezes mais o acervo da antiga. A falta de cobrança por parte do povo é prova de que a mesma não fez falta, se você fecha o que praticamente está fechado. Por que foi fechada? Porque não é essencial!»

Desta forma, enquanto a coleção da extinta Biblioteca Oswaldo Guimarães está no Grupo Escolar Duarte Coelho, praticamente desativada, toda uma equipe luta

pela criação de uma biblioteca verdadeiramente popular. Esta nova biblioteca funcionará no Casarão Lundgren, atualmente em fase de restauração, e localizada na Praça da Preguiça.

O casarão Lundgren doado à Prefeitura, em 1915, pelo Comendador Arthur Lundgren para servir como hospital, foi desativado em 1974, por se encontrar em área de intensa atividade cultural, considerada imprópria para aquele fim. Por oito anos ele ficou abandonado. Situado que está na confluência de diversos bairros, e tendo em torno um conjunto de instituições culturais (a sede da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos, Casa de Arte Popular — Forró Cheiro do Povo, Cinemateca da Praça do Carmo, e a única livraria da cidade), o Casarão Lundgren apresenta as melhores condições de abrigar a biblioteca pública de Olinda, integrada à rede escolar no município.

Com a pretensão de não apenas reunir o acervo bibliográfico que trata da História de Olinda, o qual se encontra disperso em livros e documentos de difícil acesso, a equipe, sob o comando de Sílvia Rodrigues Coimbra, se propõe a implantar uma biblioteca verdadeiramente pública. Uma instituição que, além de informar ao erudito, sirva ao povo: uma casa aberta e produtiva, integrada à rede escolar municipal captando e registrando o fazer comunitário, devolvendo-o sob forma de recurso pedagógico. Segundo o Projeto de Biblioteca Pública de Olinda,

«Trata-se de um desafio concebê-la em seus traços mais fundamentais:

- simples de conhecer e fácil de percorrer;
- respondendo às necessidades culturais de ampla maioria da população olindense;
- integrada na realidade;

— colhendo e registrando os fazeres da comunidade e a experiência dos mais velhos;

— simultaneamente um acervo de informações importantes e um centro de produção de conhecimentos úteis;

— enfim, um espaço de lazer, produção e aprendizagem. Uma biblioteca-escola onde o que se produz, ensina, e o que se tem, serve à aprendizagem. Sobre tudo uma biblioteca prestadora de serviços:

— ao estudante de 1º grau;

— aos pequenos produtores e artistas;

— à população de baixa renda;

— à população de Olinda e aos seus visitantes.

Em sua concepção geral, a biblioteca será um centro irradiador, descentralizando suas atividades através da rede escolar do município, centros comunitários, organizações sócio-culturais populares, etc.» (8)

Rejeitando a idéia de «desenhar» a biblioteca em seus traços definitivos, como algo estático e intocável, no Projeto apresentado e já aceito pelo MEC/INL, a equipe propõe apenas os setores iniciais para o seu funcionamento.

#### «SETOR I — A HISTÓRIA DE OLINDA

— Acervo documental sobre a história de Olinda, a ser construído a partir de doações e aquisições. Subdividido em duas áreas:

1ª — de livre acesso, onde o leitor vai do fichário à estante, ou diretamente à estante;

2ª — reservada, cuja raridade do material pressupõe um orientador e cuidados especiais, a serem definidos. Doações previstas e aquisições;

— Articulação com professores da rede escolar em Olinda; elaboração de material didático;

— Articulação com os pequenos produtores e artistas; elaboração de material popular sobre a história de Olinda, também com fins didáticos.

## SETOR II — INFANTO — JUVENIL

— Livros, revistas, **slides**, música e material produzido pela comunidade;

— sala de arte, pintura, escultura, talha, mamulengo, natureza;

— elaboração de material didático, com professores, alunos e elementos da comunidade.

## SETOR III — OFICINA DO PAPEL

— diversas oficinas de trabalho do papel:

- a) confecção artesanal do papel;
- b) técnicas variadas de gravação e impressão;
- c) encadernação;
- d) restauração.» (8)

Após a elaboração do projeto da biblioteca que se coloca como uma proposta aberta de trabalho, um conjunto de atividades vem sendo desenvolvido. A primeira dessas atividades consistiu em compor uma equipe e um sistema de organização básica para conhecer melhor e registrar as mais diversas atividades produtivas de pequeno porte em Olinda. Esse trabalho diz respeito também à Oficina do «Saber Fazer», projeto ao qual a biblioteca está estreitamente vinculada. Para isso, com técnicos da Oficina e profissionais ligados às áreas específicas da biblioteca, iniciou-se:

— a incorporação de dados de uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro e pela SUDENE sobre o setor informal em Olinda;

— um levantamento dos serviços gráficos em funcionamento neste município;

— um levantamento de dados bibliográficos sobre a história da imprensa de Olinda;

— a procura, localização e aproximação com artesãos na área da produção de papel, impressão e encadernação;

— um planejamento básico do setor infanto-juvenil, da oficina do papel e do serviço de documentação do pequeno produtor;

— um estudo de formas para integrar à biblioteca, doações de particulares, entre os quais, Giuseppe Baccaro, através da Fundação da Criança;

— além de um melhor conhecimento desta área, esses passos permitiram a formação das primeiras equipes e seus comprometimentos com o «ir se fazendo» do trabalho.

Como segunda atividade, seguiu-se de modo natural o aprofundamento do projeto, enriquecido agora com relatos e experiências próprias à comunidade e às pessoas que se aproximarem da proposta; isso permite hoje definir com mais clareza os espaços de trabalho, norteados pela prática desta nova fase.

Este serviço, cujo embrião se encontra hoje na Oficina do «Saber Fazer», foi e ainda está sendo realizado a muitas mãos. Reunir mais dados; estabelecer uma dinâmica na qual pesquisados tornem-se pesquisadores; descobrir formas de registro que estimulem seu aprofundamento; montar um sistema adequado de divulgação dos conhecimentos em processo de produção — constituem a proposta em aprendizagem de hoje. (9)

Como decorrência, para a observação desta experiência, foram de extrema valia os depoimentos que seguem, os quais estabelecem o quão proveitosa pode ser uma relação sujeito-sujeito isto é, uma completa integração e participação entre os que «recebem» a biblioteca e os que a «doam».

Dentre as «lições sugeridas pelo grupo que está à frente da implantação da biblioteca, está aquela que demonstra que é possível o desenvolvimento de atividades, mesmo quando ainda não se tem um prédio «pronto», fichário, estantes e equipamentos.

#### 4. MOVIMENTO DO «SABER FAZER» — DEPOIMENTOS

Perguntada à pesquisadora e artesã Silvia Rodrigues Coimbra, coordenadora do trabalho do «Saber Fazer», sobre como e quem começou esse movimento do «saber fazer» e dessa biblioteca ação cultural, a mesma respondeu:

«...fica difícil situar a questão de quem pediu, quem começou, porque é um trabalho que vem se desenvolvendo há muitos anos, de outras formas, um trabalho na linha de educação e na linha de trabalho com pequenos produtores. É trabalho da população, trabalho chamado informal ou pequenos serviços... a proximidade com esse grupo de artesãos e esse tipo de trabalho foi levando a manter nessa linha de preocupação e ver o que havia ao longo disso, algo que pudesse contribuir para se realizar, para servir institucionalmente, profissionalmente mesmo.

A dificuldade em situar o momento do início desse trabalho prende-se ao fato de que a entrevistada já estava intimamente ligada ao trabalho com pequenos produtores e já havia participado de um outro projeto anterior que se chamou «Apoio a um Saber Fazer». Isso lá

em Brasília foi obtendo repercussão... Depois conseguiu se formalizar um grande projeto que seria esse de interação à educação básica em diferentes contextos culturais...»

Este era então, o projeto inicial da Oficina do Saber Fazer que contava com diversas instituições como sejam: a Fundação Promemória, o INL, a EMBRAFILME, a FUNARTE e o INACEN.

Por ocasião da visita do representante do INL para envio do projeto...

«Surgiu a idéia da biblioteca, falando em livro, falando na importância de se atender à rede escolar. Então o representante do INL nos pediu que fizéssemos um projeto ousado de biblioteca. Uma biblioteca aberta, que não fosse um depósito de livros, que de fato fosse apoio à rede escolar e que conseguisse formas de ligação com a comunidade, e sobretudo, com os estudantes. Capaz de suscitar uma ligação com a leitura, com o registro gráfico...

A partir dessa solicitação do INL, foi elaborado um projeto no qual estava explicitada a vinculação da biblioteca à oficina do «saber fazer» e isto, percebido pelo grupo, durante os contatos mantidos, como uma quase imposição do INL. ... o projeto da biblioteca viria se fosse estreitamente vinculado à oficina... Só seria aceito se... com esse grupo... e ao mesmo tempo se fosse ligado à oficina».

No entanto, como forma de se tentar fazer algo que servisse à comunidade e que fosse feito pelo povo e para ele criaram-se os círculos de discussão com a finalidade de conseguir maior integração entre os grupos e também para amenizar, como disse Cristina, pedagoga e participante do movimento, o fato de que: «todos nós, o povo... estamos acostumados a receber programas prontos.»

Então tem círculo de discussão somente com professores, com produtores... e um outro... de professores e produtores... Foi assim, uma maneira bem prática do produtor entrar na escola, saber que tinha voz, saber que iria ser escutado... para discutir o saber dele pois todos são produtores de conhecimento. Contudo, a introdução do produtor na escola ocasionou surpresa por parte dos docentes, numa atitude comportamental elitista, que sem dúvida, é comum no sistema educacional brasileiro.

O que se pode sentir é que há uma pretensão de se criar uma biblioteca diferente, onde as formas de registro não estejam restritas apenas aos livros em sua forma física, como estamos habituados a conceber, mas, onde existam livros que ainda estão por ser escritos e que contenham a história da própria comunidade que a está implantando.

Para isto não é necessário que as pessoas envolvidas com esse trabalho tenham formação universitária, mas apenas que se proponham a realizar um trabalho coerente com sua filosofia de vida, como bem o disse a coordenadora do projeto:

«Então é isso aí, até onde uma pessoa que não tem formação universitária está ligada por opção, mas informalmente, a toda essa questão de educação. De repente pode também estar ligado diante de tudo que sente, sabe, e... ouve o sentir dos outros lá fora».

Muito embora esse projeto tenha sido elaborado para a biblioteca funcionar no Casarão Lundgren, notou-se uma indefinição por parte das autoridades quanto à ocupação do mesmo pela referida biblioteca. Pois, de acordo com depoimento de Sílvia... «agora... apareceu outro projeto... elaborado por uma pessoa que tem poder e disse que tinha idéias para ele (o Casarão)... e como

tudo tem que passar por ele e ele está vinculado à Prefeitura... é ele quem decide...»

Independente deste fato «foi iniciada uma biblioteca, no porão... porque a casa vai ser restaurada, então pelo menos começou ali, foi pintado, foi organizado, está limpo tudo feito pelas crianças... houve toda uma recreação, uma participação nesse lugar. Então essa parte infanto-juvenil, que já tem o artista cênico e os dois auxiliares de biblioteca estão fazendo o trabalho aqui... muito vinculado à oficina! Focalizados os aspectos concernentes a recursos humanos e instalações, é necessário ressaltar a doação inicial feita por Giuseppe Baccaro, englobando 20.000 exemplares, dentre livros, gravuras populares, literatura de cordel e obras raras».

Quanto à continuidade do trabalho, há probabilidade de renovação do projeto junto ao INL, bem como da assimilação gradativa por parte da Prefeitura Municipal de Olinda. Segundo a coordenação do Movimento, só com o apoio institucional, tal experiência pode ser concretizada, evitando o desperdício de esforços e de investimentos despendidos. Visando à elaboração de material popular sobre a história de Olinda, estão engajados ao projeto, como vimos anteriormente, artesãos (pequenos produtores). Dentre eles, conversamos com:

**Benedito José dos Santos** — 42 anos, talhador.

«Moro em Olinda e trabalho há 16 anos em artesanato, madeira, escultura. Me dou bem com o meu trabalho. Hoje tou fazendo desse trabalho de pesquisa em colégio e me sinto bem, trabalhando nesse tipo de trabalho. Bom esse trabalho que vem ajudando algumas pessoas que não conhecem esse tipo de trabalho e sempre ajuda um aos outros. Não tem nada que não seja de bem. As crianças, não todas, mas tem algumas que despertam

muito interesse nelas. Porque este trabalho de artesanato não é tão bem assim a pessoa dizer: vou fazer porque seu Fulano tá fazendo. O trabalho de artesanato é mais o interesse da própria pessoa, já nasce com aquele negócio de querer fazer aquilo. Eu mesmo fui uma pessoa que nunca vi ninguém fazendo. Vi alguma peça pronta em galeria. Quando interessei a fazer, 16 anos passados, comecei, até. Vendi minha primeira peça há 16 anos atrás. Vendi a primeira peça e tomei gosto. Daí pra frente não parei mais de fazer, a não ser um dia que teje doente. Até os dias feridado mesmo eu tou trabalhando em casa... No meu caso eu nunca trabalhei prá bolar peça minha. Sou uma pessoa privilegiada. Tenho essa sorte de vender todas as peças.

Minha participação neste trabalho tem interesse muito grande prá mim, que sou pessoa que fabrica um trabalho mas não posso pagar comercial de televisão. Meu comercial é eu cair em campo prá trabalhar nesse tipo de coisa.

Biblioteca não era uma palavra estranha prá mim, porque eu ouvia os outros falando. Mas no meu conhecimento mesmo, que eu sou uma pessoa quase analfabeta, prá mim não era muito aceitado, mas eu ouvi os outros falando.»

**Manoel Antônio da Silva** — 56 anos, cuscuzeiro.

«Moro em Olinda... Meu trabalho é: fabrico cuscuz. Há 9 anos que eu venho congitano espaço: 3 anos eu trabalhei vendendo o dos outros e de 6 anos prá cá eu comecei fazendo. Até aqui, graças a Deus, eu venho me sentindo bem, porque sobre esse meu trabalho foi o primeiro que fiz por minha conta própria. Que eu botei na rua. Aí eu achei que dava prá eu ir empolsionando prá frente, porque a primeira vez que eu preparei o movimento do cuscuz e nesse tempo que eu fiz, já

vendia por um cruzeiro. Entonce com 3 dias que viajei e a freguesia achou melhor de que o fabrico que eu trabalhava. Graças a Deus senti gosto e comecei me esforçando e hoje venho trabalhando ainda nesse movimento. Graças a Deus, depois que a dona Sílvia começou a participar e chegou lá em casa, lá gravaram sobre meu trabalho, fotearo, tudo mais, e ali achei tomando parte aqui nesse trabalho. Tenho me sentido muito bem e vendo achando que essa comunidade vem me achando um ajuda, sempre ao meu lado. Graças a Deus é isso que tenho a dizer para mim me acho bem.

Foi supresa o interesse desta gente (bibliotecários e pesquisadores) pelo meu traibaio.

O fabrico do meu cuscuz não aprendi com o pessoal prá que eu vendia. Quando eu chegava lá prá tirar desse movimento de cuscuz já encontrava feito. Lá eu só fazia arrumar os cuscuz na minha caixa e saía prá rua. Nunca movimentei a fazer serviço nenhum. Pelo meu causo eu tentei de dar o início de eu fazer prá mim mesmo, a formar o pilão, a cuscuzeira, a caixa, a bandeja, enfim tudo. Graças a Deus. Fiz tudo. Até hoje tem diversos pai de famía que tem ganhado o pão junto comigo. Agora eu já tou fazendo prá outros venderem. Eu sinto que nessa base trabalho, que seja uma produção que vá de avanço, vá crescendo. Eu sinto que não irei prá trás, e sim prá frente, avançando, crescendo, multiplicando».

**Paulo Holanda da Silva** — 47 anos, talhador

«Faço diversos traibaos de madeira. Os primeiros traibaos meus foi massa de papel. Papel higiênico. Fazia teuço, quatro, cincífico, todo tipo. Depois foi que eu destinei-me a traibaar na madeira. Faz 15 anos que traibaio nisso.

Esse trabalho meu é o seguinte: ninguém procura pra aprender... porque só eu mesmo é quem sei fazer. Eu sei que até aqui ninguém conseguiu fazer trabalho meu. Só eu mesmo. Tem outros tipo, todos tipos. Mas menos da qualidade do meu, porque o meu é primitivo: é o que eu pensar no juízo é o que eu faço. Aí muitos não faz esse tipo. Só faz esse negócio de desenho, de cópia.

A palavra biblioteca, eu ouvia falar muito. Nesse ponto eu só ouvia falar. Nunca imaginei que pudesse contribuir pra um trabalho desse tipo».

**Gumercindo José Pereira** — 63 anos, doceiro

«Moro em Olinda... Meu serviço é pesquisa. Eu sou um antigo operário da fábrica Amorim Costa. Apenas que estou por aqui porque a primeira ficha que encontraram foi a minha. Então por isso Sílvia e ou outros saíram a minha procura e me encontraram. Daí ela botou eu em pesquisa para procurar alguns antigos também que trabalhava nesse setor. E eu saí com ela na busca e desde essa data eu continuo a mesma coisa. Então eu trabalhava em doce em calda. Hoje em dia tou aposentado e eu por idéia minha e de algum pedido eu faço algumas besteiras. Mas não que teje me umitado em mercado pra esse fim não. É somente um qualquer entretenimento de um doce qualquer, uma cocada. Isso ou aquilo outro, eu posso fazer, mas não que teje me movimentando para me suster, que eu já estou aposentado, cansado, não dá mais pra mim... Mas qualquer coisa que precisar. Se eu quero um doce em casa, uma cocada, doce de caju, eu ainda engendo. Caseiro. Porque eu não tenho maquinária.

Este convívio pra mim está demais. Porque apenas a gente em casa parado, se prejudica muito mais. E aqui

com esse conhecimento que apanho por aqui é uma distração muito boa. Eu me sinto bem, né? Estou ajudando, o que precisar de mim, troca de experiência. É muito justo. Eu acho que seja muito legal, isso».

**Enedina Antonia da Silva — artesã de tecidos**

«Há 13 anos que trabalho em artesanato em tecidos. Até aqui, graças a Deus, dá prá ir levando, não é o suficiente mas, a gente vamos em frente. Acho que agora vai melhorar, eu espero, tenho muita fé. Gosto muito do meu trabalho, gosto do que faço. As pessoas com quem eu convivo gostam de mim e eu gosto das pessoas também, bastante. Um novo caminho abriu, está ai, novas oportunidades, novos amigos e amigas também. Isso é importante prá mim porque eu acho que a gente sem ninguém não pode viver no mundo. Nós temos que ter ajuda de alguém e é muito importante a gente sentir que as pessoas gostam da gente e aceitam aquele trabalho que a gente faz com gosto. Cada pessoa que eu apresento um trabalho, eu sinto que gosta do que faço... Então isso ai... Eu sinto alegria, eu sinto feliz em fazer uma coisa que o público gosta. Porque eu acho que é triste quando a gente trabalha que olha assim e as pessoas não gostam. A gente nota. Mas eu gosto sempre de fazer novidade e sempre o que eu faço e vou mostrando ao público... Não é uma coisa tão grande, mas a gente chega lá... com fé em Deus. É importante isso, a gente chegar.

Não tinha experiência de trabalho conjunto. Comecei só. Faz um 3 ou 4 anos que nós trabalhamos em grupo e eu tou dando bem com os meus amigos aqui todinhos e mais outras pessoas que estão entrando. Eu gosto muito destas pessoas que vivem comigo e eu vivo com elas também.

Biblioteca não era uma palavra distante. Agora eu não tinha a idéia de que um dia pudesse chegar lá, à biblioteca. Não sei porque achava tão difícil porque antes a gente não vivia nesse grupo que tamos agora, dentro de um colégio, não é? Então acho, mas a esperança sempre, a gente vive esperando alguma coisa que aconteça, lutando. Mas sem lutar não chega. A gente tem que lutar. Ficar sentado num canto não chega não — e aí está iniciando eu acho que vai chegar lá».

**Aguinaldo Luiz da Silva — 37 anos, ceramista**

«O meu trabalho é cerâmica. Desde criança trabalho com cerâmica e por sinal eu sempre digo: «eu sou muito ligado com barro e não saberia lidar com outra coisa».

Há alguns anos eu faço parte neste grupo... aproximadamente uns quatro anos. Como disse Enedina, eu tenho gostado muito porque nesse grupo eu tenho aprendido muita coisa que antes eu não sabia. A minha experiência era mesmo como artesão. Mas era empregado e no emprego a gente sempre está subjugado a patrões. Tomei a decisão de não ser mais empregado, de trabalhar como artesão, mesmo independente e tou caminhando mais ou menos, porque o artesão está passando por uma fase um tanto ruim. Sempre passou, e ultimamente está se tornando pior. Principalmente na parte de cerâmica, porque tem muita gente fazendo cerâmica e a gente tá sofrendo uma ligeira pressão. Mas vamos avançando assim mesmo. Aqui neste grupo tenho aprendido bastante porque primeiro eu comecei a me valorizar mais, coisa que eu não tinha, num certo sentido.

Eu trabalhava para as pessoas.... e não tinha noção exata de preço. Depois desse grupo eu comecei tendo uma noção melhor e eu sempre digo: na multidão de conselheiros há segurança».

**Severino Manoel Campos** — (Marrudo) 43 anos,  
cuscuzeiro

«Minha vida é desde pequeno, com a idade de 12 anos, vendo cuscuz até a data de hoje... Trabalhei uns tempo fora com carteira assinada, mas não deu certo o salário. Porque não tenho profissão, não tenho arte, não tenho nada, meu ramo é esse mesmo e permaneço até o fim.

Eu não tenho outra arte além de fazer cuscuz. Só essa mesma, que aprendi como ambulante, quase sem apoio, pois não tenho instituto, sindicato, não temos nada. Falta o apoio disso tudo. Se nós queremos instituto, temos que pagar por contra própria. Não temos instituto e sindicato como outras firmas tem, outros trabalhos tem, inclusive padaria, problema de laje, uma coisa e outra... O apoio da profissão nossa, quem dá somos nós mesmo, até aqui foi a gente. Se aparecer como tá um projeto de aparecer apoio aí, prá ajudar a gente... O apoio que nós temos dentro da profissão de cuscuz, somos nós mesmos, vendedores. Uns trabalha pros outros e produtores que têm condições faz o INPS por conta própria, um INPS autono. Faz 28 anos que eu vivo nele até hoje. Já trabalhei muitos anos pros outros, pisei muito milho na mão de ferro. Faz um 5 anos que eu deixei e hoje vendo prá mim e espero amanhã ou depois aumentar, né? Mas tendo um auxílio de outro arguém, eu sozinho... a maré tá braba».

##### 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE OLINDA

A biblioteca, durante milênios, atuou como uma instituição essencialmente passiva, representada por uma coleção de livros colocados à disposição de indivíduos

«cultos e idôneos». Assim, o hábito de freqüentar bibliotecas esteve ou está ligado à erudição, ao elitismo, às classes privilegiadas e/ou dominantes...

Contudo, a profissão de bibliotecário é uma das mais atingidas por mudanças sociais, exigindo do profissional novas técnicas de abordagem para a solução de problemas diversificados e complexos, colocando-o diante do desafio de saber discernir como agir dentro de sua própria realidade, que é sempre única e genuína. Então, consciente de sua função eminentemente social, ao se posicionar como trabalhador social, o bibliotecário deve se empenhar em desvendar a realidade que o circunda trabalhando sempre com os indivíduos e nunca sobre eles, através de uma integração real e sólida entre a comunidade e biblioteca. E é este bibliotecário, com nova filosofia de trabalho, que vem lutando para consolidar o modelo de biblioteca popular, em que, ao contrário do que ocorre no modelo tradicional da biblioteca-depósito de livros, o «povão» está presente. A forma de atuação de uma biblioteca popular, a formação de sua coleção, as atividades a serem desenvolvidas no seu campo de trabalho, estão indiscutivelmente relacionadas com técnicas, métodos, recursos humanos, materiais e financeiros, instalações, etc, mas principalmente tudo isso tem a ver com uma certa política cultural, em que não há falsa neutralidade.

Enquanto que a preservação da cultura-erudição representa a característica quase que única do modelo tradicional, a biblioteca popular está extremamente interessada em resgatar e disseminar a cultura popular e principalmente, assegurar a participação do povo na vida da biblioteca, como instituição que, além de informar o passado, integra o presente, consubstanciado na dinâmica do fazer popular: o talhador, o cuscuzeiro, o pescador, o sapateiro, o ceramista, etc, encontrarão na biblioteca

textos que representam a leitura da «palavra-mundo». Isto porque, a leitura do mundo, como afirma Paulo Freire, precede sempre a leitura da palavra e a leitura dessa implica a continuidade da leitura da vida.

Desta forma, se antes eram oferecidos ao povo textos que nada ou pouco tinham a ver com o seu mundo, na biblioteca popular os grupos são estimulados a escrever suas experiências, desde o começo da alfabetização para que, na pós-alfabetização se verifique a constituição de um acervo, onde, ao lado do livro e outros materiais convencionais, estejam as «páginas escritas» pelo próprio educando, sob a forma de folhetos, fitas gravadas, filmes, diapositivos ou de outros recursos, com respeito total à sua linguagem.

Neste tipo de instituição, o povo se integra ao processo e não mais recebe a «coisa» pronta; o povo faz a História (está presente nela) e não está apenas nela representado.

Sem dúvida, a observação do trabalho que vem sendo desenvolvido no âmbito da Biblioteca Municipal de Olinda, no sentido de implantar uma biblioteca «ousada», evidencia a possibilidade de se ter, no Brasil, bibliotecas verdadeiramente populares, ou seja, bibliotecas capazes de suprir os anseios das massas populares, sem atender **tão somente** às imposições das classes dominantes. É necessário enfatizar a expressão — tão somente — haja vista que, mesmo no caso observado, não se tem ainda uma biblioteca emergente, uma biblioteca criada a partir das solicitações da comunidade a que se destina. Sua implantação foi muito mais uma decorrência do êxito, dos esforços despendidos pelo grupo encarregado da «Oficina do Saber Fazer», que mesmo uma imposição advinda do próprio povo. Dir-se-ia que, se a oficina pretendia acelerar o desenvolvimento do trabalho

dos pequenos produtores, através do processo educativo de referência cultural, à biblioteca caberia a forma de recuperar e disseminar os dados obtidos a partir da execução de tarefas da produção.

Amontoados nas prateleiras de organismos pesquisadores, submetidos a complexos mecanismos de processamento, perdidos muitas vezes no tempo e no espaço, os resultados de inúmeras pesquisas são quase sempre, inacessíveis e inúteis para aqueles que vivem a realidade pesquisada. A própria Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura em seu documento: «Diretrizes para Operacionalização da Política Cultural do MEC» admite que: «É fato incontestável que a população brasileira, em quase sua totalidade, não tem garantida a posse dos bens culturais que lhe pertencem, e que sua potencialidade de criação, produção individual e/ou coletiva, a partir das especificidades culturais que lhe são próprias, vê-se continuamente ameaçada e inferiorizada por valores e interesses ditos de maior importância ou pertinência».

Germano Coelho, na condição de Prefeito de Olinda, afirmou que: «agora, estamos no ponto de ter uma biblioteca...», significando que a Prefeitura olindense tem condições materiais de suprir as necessidades de informação de seu povo. Interrogado sobre as condições mínimas para a manutenção de uma biblioteca realmente viva, o Prefeito assim respondeu: «Dinheiro e uma Prefeitura sólida... O problema financeiro que hoje atormenta as bibliotecas brasileiras é o fruto da má administração dos órgãos onde as bibliotecas estão incrustadas... A partir do próprio MEC... Eles, os administradores não têm dimensão para a importância do cultural. Não têm mentalidade. E o drama das bibliotecas brasileiras tem sua origem na falta de mentalidade e de visão dos órgãos superiores, cujos ministros são burocratas».

De qualquer forma, se o entusiasmo do Prefeito Germano Coelho pode parecer excessivo diante da perspectiva desta nova biblioteca-ação cultural, é bastante visível a diferença entre a primeira biblioteca pública municipal olindense (1960 a 1978) e esta, ora em fase de implantação. Tal distinção é resultante das conclusões quando da entrevista mantida com a servidora Júlia de Miranda, que acompanhou o desenvolvimento da extinta Biblioteca Oswaldo Guimarães, e do contato mantido com a equipe responsável pela implementação da nova biblioteca, sob o comando de Sílvia Rodrigues Coimbra, artesã e pesquisadora. Observa-se nitidamente que o aspecto social é irrelevante na filosofia do trabalho adotado pela primeira biblioteca, dando-se ênfase excessiva ao **processamento técnico do acervo** (formado, prioritariamente, do material convencional — livro) e à compilação de textos.

Na nova biblioteca, a ação paternalista e castradora é substituída pelo estímulo à criatividade quando a coleção não vai apenas estar «à disposição dos interessados», mas vai emanar do próprio povo, não importante sua qualificação social, econômica, cultural ou a sua faixa etária: são crianças, adolescentes, adultos, artesãos ou estudantes, produzindo textos para fixar sua criação...

Obviamente, para a consecução dos objetivos a que se propõe, a biblioteca popular de Olinda deve contar com pessoal consciente de sua função social. Profissionais que não se surpreendam: «numa biblioteca, o que é que isso tem a ver?»; profissionais que não fechem as portas porque «não agüento o barulho... agora com esse mundo de meninos... tem hora que é aquele terror».

O projeto apresentado ao Instituto Nacional do Livro prevê a inclusão de dois bibliotecários para integrarem o quadro de pessoal da referida biblioteca. Con-

tudo, até o momento, quando as atividades já se desenvolvem, não há nenhum bibliotecário participando. No entanto, tal fato não invalida o esforço do grupo, e reforça, mais uma vez, o desprestígio de uma classe, enfraquecida não só pelo desconhecimento da profissão em si, mas sobretudo pela inércia e omissão de muitos bibliotecários, que permanecem insensíveis e indiferentes às mudanças sociais...

A própria Sílvia declarou: «o nosso relatório vai constar isto: esta questão de como se coloca a pessoa que realiza um projeto e como se comporta o técnico institucional perante às mudanças». Além das dificuldades institucionais — instalações, verbas, pessoal, etc — Sílvia abordou os entraves gerados pela própria estagnação na mentalidade dos indivíduos. «... as pessoas dizem que não têm preconceito... Outro dia... uma pessoa disse: «pois é, eu ouço mais falar de cuscuz e de não sei que, do que do próprio livro... material importantíssimo!»

Também foi enfatizado o mito que há em torno do livro e conseqüentemente da biblioteca: «As pessoas associam a palavra biblioteca ao livro». E assim: «A oficina do papel, permitindo às crianças acompanhar a evolução do livro, vai auxiliar a derrubar todo aquele misticismo. Parece que são os deuses que escrevem: às vezes não se tem coragem de criticar porque está escrito... É preciso que entendam que quem escreve são pessoas. Nas próprias famílias, as crianças podem quebrar um brinquedo caro, mas rasgar uma página de de um livro?! Tudo já vai formando um mito em torno do livro e a gente contribui muito para isto».

Se o contato com o Prefeito de Olinda, com Júlia de Miranda, com Sílvia Coimbra e com Cristina Nascimento nos proporcionou uma visão global da proposta da equipe empenhada em levar adiante o projeto de

uma biblioteca verdadeiramente pública, as entrevistas concedidas por sete produtores nos deram a dimensão exata da amplitude deste trabalho, como enfatizou Sílvia: «Na reunião dos saberes dessas pessoas, de seus saberes práticos... vê-se que a proposta é que todos sejam pesquisadores... o que tem sido muito rico. Tem sido um aprendizado muito grande, tanto que a gente considera como uma produção de conhecimento, onde todos são produtores...».

Dentre os produtores, observa-se em **todos** eles uma expressão de surpresa, face a sua inclusão no mundo das bibliotecas: «biblioteca... no meu conhecimento mesmo, que eu sou uma pessoa quase analfabeta, prá mim não era muito aceitado», falou Benedito, talhador.

Também um ponto comum em todos os depoimentos é a esperança de uma vida melhor, através do trabalho conjunto. «Na murtidão de conselhos há segurança», afirmou Aguinaldo, ceramista. Manoel, cuscuzeiro, falou: «Eu sinto que nessa base desse trabalho... não irei prá trás, e sim, prá frente, avançando, crescendo, multiplicando».

Contudo, levando em conta a individualidade dos depoentes, observa-se que em cada um deles há um ponto diverso ressaltado prioritariamente. Benedito, talhador, enfatiza o artesanato como algo nato ao ser humano: «O trabalho de artesanato é mais o interesse da própria pessoa, já nasci com aquele negócio de querer fazer aquilo». Em Manoel, cuscuzeiro, está presente o sentimento de religiosidade, através do uso freqüente da expressão: «Graças a Deus!». A Paulo, talhador, a equipe tem fortalecido a consciência do seu próprio valor: «Esse trabalho meu é o seguinte: ninguém procura prá aprender... porque só eu mesmo é quem sei fazer... Tem outros tipo, todo tipo. Mas menos da qualidade do meu...»

Enquanto Gumercindo, doceiro, ressalta o valor da troca de experiências: «... esse conhecimento que apanho por aqui é uma distração muito boa... Estou ajudando, o que precisar de mim, troca de experiência... Eu acho que seja muito legal, isso». Enedina, artesã de tecidos, dá, durante toda sua fala, ênfase ao relacionamento interpessoal: «As pessoas com quem eu convivo gostam de mim e eu gosto das pessoas também, bastante. Um novo caminho abriu, está aí, novas oportunidades, novos amigos e amigas também...» Aguinaldo, ceramista, além de valorizar a troca de experiências, ressalta a opressão causada pelo empregador: «... era empregado e no emprego a gente sempre está subjugado a patrões. Tomei a decisão de não ser mais empregado, de trabalhar como artesão, mesmo independente...». Contudo, entre eles, apenas Severino (Marrudo), o cuscuzeiro, parece estar alerta à importância do sindicato e do apoio governamental ao artesanato: «... não tenho instituto, sindicato, não temos nada. Falta o apoio disso tudo... Não temos instituto e sindicato como... outros trabalhos têm... O apoio da profissão nossa, quem dá somos nós mesmos, até aqui foi a gente...».

Desta forma, podemos concluir que a experiência ora sendo desenvolvida representa essencialmente uma busca para associar os fazeres das pessoas com os registros gráficos, desde que, mesmo diante do analfabetismo predominante entre as «pessoas que trabalham com as mãos», se sabe que há muitas outras formas de comunicação. É interessante descobrir o que está faltando na leitura para ela se tornar atraente, pois os analfabetos fazem coisas bem mais difíceis do que ler. Portanto, é função da biblioteca popular descobrir como é que o registro gráfico nas suas diferentes formas vai interessar ao povo.

A new concept of public library was observed in Olinda (State of Pernambuco, Brazil), where there is a library that collects all popular arts and techniques developed by the local population, including the regional traditional cooking. This new type of library aims to be an information center where the knowledge necessary to its population is produced and disseminated through the school networks, community centers and popular social and cultural organizations.

### BIBLIOGRAFIA

- 1 BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. **Pesquisa participante**. São Paulo, Brasiliense, 1981. 211 p.
- 2 ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958. v. 18, p. 175-82.
- 3 ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1981. v. 15, p. 8229.
4. FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**. Belo Horizonte, **9(2)**: 131-8, set. 1980.
5. ————. O bibliotecário — animador: considerações sobre sua formação. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**. Belo Horizonte, **11(2)**: 230-6, set. 1982.
6. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Autores Associados; Cortez, 1982. 96 p. (Polêmicas do Nosso Tempo, 4).
7. LIMA, Etelvina. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**. Belo Horizonte, **11(2)**:133-45, set. 1982.
8. OLINDA. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação e Cultura. **Biblioteca Municipal**. s.n.t. 9 p. (Projeto).
9. ————. **Biblioteca Municipal de Olinda**. s.n.t. 14 p. (Relatório).

10. POLKE, Ana Maria Athayde et alii. Biblioteca, comunidade e informação utilitária; um estudo de como circula a informação utilitária no bairro de Pompéia em Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. João Pessoa, 17-22. Jan. 1982. *Anais*. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. I, p. 131-59.
11. SILVA, Célia Medici Bezerra et alii. Biblioteca pública: ação comunitária. in: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. João Pessoa, 17-22 jan. 1982. *Anais*. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. I, p. 398-413.
12. SILVEIRA, Sérgio Augusto. Enfim, Olinda terá biblioteca pública. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 set. 1982. *Viver*. p. 1.